



**Universidade Federal de Campina Grande-UFCG**  
**Centro de Humanidades**  
**Unidade Acadêmica de Letras**

**TAMIRES LUCENA MEIRA**

**Gilka Machado: Uma mulher e sua lírica erótica.**

**Campina Grande- PB.**  
**2017**

**TAMIRES LUCENA MEIRA**

**Gilka Machado: Uma mulher e sua lírica erótica.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, tendo como orientador Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

Campina Grande- PB.  
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M514g Meira, Tamires Lucena.  
Gilka Machado : uma mulher e sua lírica erótica / Tamires Lucena Meira. –  
Campina Grande, 2017.  
41 f. :  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) –  
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves".  
Referências.  
  
1. Literatura Brasileira. 2. Gilka Machado. 3. Erotismo - Sensações. I. Alves,  
José Helder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-993(81)(043)

**TAMIRES LUCENA MEIRA**

**Gilka Machado: Uma mulher e sua lírica erótica.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, tendo como orientador Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

---

Examinador (a) Prof. Ms. Tássia Tavares de Oliveira (UFCG)

Campina Grande- PB.  
2017

**DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha família e todo seu amor. Dedico em especial a Hemerson Nunes da Silva (*in memória*). A Diogo Thiago Aires da Silva (*in memória*) e todo amor fraternal. Por fim, a todos que contribuíram com minha caminha.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, com sua infinita bondade, a Ele que sempre esteve presente na minha caminhada.

Aos meus pais, meu pai Clóvis Meira Nunes e minha mãe Maria do Socorro Lucena Meira que sempre estiveram do meu lado, apesar das dificuldades me ajudaram a estar aqui, com seu amor e incentivo.

Agradeço a meus irmãos por tudo que representam na minha vida, a Vamberto, Vandeilton, Shirlene, Tatiana, Taciano, Shirleide, Vanderléia, Tiago e Thaiza, minha eterna gratidão. Agradeço também a meus cunhados e sobrinhos pela força que me deram.

Agradeço de forma especial ao meu orientador Dr. José Hélder Pinheiro por ter aceitado e me ajudado nesse momento final, agradeço sua dedicação e por me incentiva a não desistir. Agradeço a professora Tássia Tavares por ter colocado a disposição para analisar deste trabalho.

Nessa caminha até aqui tem muitos agradecimentos, aos meus padrinhos Sebastião Pimentel e Maria de Lourdes Almeida, não só por sua ajuda financeira mais por estarem comigo. A minha segunda família que me apoiaram nas pessoas de Demostenes Castro e Maria Inês Lima. Minha outra madrinha Josefa Morais. De forma especial ao meu namorado Luiz Paulo Farias, pelo seu amor e compreensão. A essas pessoas meu eterno agradecimento por estarem ao meu lado.

Na vida escolar agradeço a Zélia Gurjão (*in memória*) e a Maria Graciete Castro (*in memória*), por me fazer gosta do mundo das Letras, e por me incentivarem a seguir neste caminho. Na vida acadêmica agradeço a Maria Angélica por ser um exemplo de profissional. A José Mário da Silva, um grande ser humano que é, e por sempre ter uma palavra na hora certa. Meu muito obrigado a todos meus mestres.

Não poderia deixar de fora os meus amigos, da escola para a vida Dayse Castro e Djailma Ramos, por sempre terem uma palavra amiga. Aos amigos e colega de ônibus que cito Aleksandra Silva e Fabíola Meira por dividirem bons e ruins momentos. Aos amigos e colegas de curso que estavam juntos enfrentando as dificuldades, de maneira especial Roseane Firmino por me ajudar quando precisei de um lugar para ficar. Enfim, aos demais que me ajudaram e incentivaram agradeço.

“Eu quero escrever com o vigor de uma mulher. Não me interessa escrever como homem” (Lya Luft).

## RESUMO

Gilka Machado surgiu na literatura brasileira no início do século XX e foi uma mulher que modificou o cenário literário, pois foi a primeira a escrever sobre erotismo e a chocar toda uma sociedade conservadora daquela época. Sua obra foi e é importante para o cenário e história da literatura brasileira. Nesse contexto, esta pesquisa objetivou analisar os poemas eróticos de Gilka Machado presentes no livro *Poesias Completas*. De forma específica, buscou fazer uma apresentação de temas e procedimentos predominantes no livro *Poesia completa* (2017); refletir sobre os efeitos de sensações do sujeito, em relação aos sentidos e a imagem do corpo representada em sua poesia. Esta pesquisa se fundamenta em Borges Filho (2009) para tratar sobre a proposta de leitura e dos gradientes sensoriais. Fundamenta-se também em Castello Branco (2004), Duriagan (1985) e Paz (1994) para tratar sobre o erotismo. Em Nunes (2007), Britto (2009), Oliveira (2002) compõem parte da fortuna crítica de Gilka, e por fim, em Del Priore (1994) que reflete acerca das mulheres na sociedade. Nesse sentido, para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo sobre alguns poemas da poetisa procurando destacar os diferentes modos como o erotismo se revela. Os resultados da pesquisa mostram que na lírica giliana o erotismo é caracterizado pelo impulso dos desejos femininos. Diante disso, ficou evidente que há erotismo em grande maioria dos poemas de Gilka Machado e que esse erotismo é experimentado pelos sentidos humanos.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Gilka Machado; Erotismo; Sensações.

## ABSTRACT

Gilka Machado appeared in Brazilian literature in the early twentieth century and was a woman who modified the literary scene, since she was the first to write about eroticism and to shock an entire conservative society of that time. Her work was and is important for the scenario and history of Brazilian literature. In this context, this research aimed to analyze the erotic poems of Gilka Machado present in the book *Poesias Completas*. Specifically, he sought to present prevailing themes and procedures in the book *Poesia completa* (2017); reflect about the effects of sensations of the subject, in relation to the senses and the image of the body represented in his poetry. This research is based on Borges Filho (2009) to discuss the reading proposal and the sensorial gradients. It is also based on Castello Branco (2004), Duriagan (1985) and Paz (1994) to deal with eroticism. In Nunes (2007), Britto (2009) and Oliveira (2002) make up part of the critical fortune of Gilka, and finally in Del Priore (1994) who about women in society. In this sense, in order to reach the proposed objectives, a study was carried out on the works of the poet's poetry and after that, it trying to highlight the different ways in which eroticism reveals itself. The results of the research show that in gilkaian lyricism eroticism is characterized by the impulse of female desires. Given this, it was evident that there is eroticism in most of Gilka Machado's poems and that this eroticism is experienced by the human senses.

**Keywords:** Brazilian Literature; Gilka Machado; Eroticism; Sensations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: GILKA MACHADO E A CONDIÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	13
1.1 - As representações femininas dualidade entre o “privado e o público”.....	14
CAPÍTULO II: O EROTISMO E SEUS QUESTIONAMENTOS.....	18
2.1- Erotismo nos textos literários.....	21
CAPÍTULO III: GILKA MACHADO E SUA LÍRICA SENSORIAL .....	25
3.1- Poesias e Sensações.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
Referências.....	44
APÊNDICES.....	45
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

Ao falar-se sobre literatura brasileira, grandes nomes nos surgem na mente, ou seja, os grandes cânones da literatura, (em grande maioria homens): poetas, escritores que são (re) conhecidos, e que estão presentes nos livros didáticos, manuais de teoria literária, e na crítica literária em geral. Poetisas ou escritoras são poucas citadas. Quando surgem nomes como o de Gilka Machado, uma vez que sua obra não teve reconhecimento como da poetisa Francisca Júlia (1871-1920) e a romancista e jornalista Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934), cuja escrita é anterior a de Gilka Machado.

A poetisa Gilka Machado iniciou suas publicações em 1915, ao escrever seu primeiro volume de poesias *Cristais Partidos*, que precederia o Modernismo, logo em seguida publica *Estados de alma* em 1917; depois *Mulher Nua* 1922, *Meu glorioso pecado* 1928, *Sublimação* em 1938, e *Velha Poesia* 1965. Todos estão reunidos na edição de suas *Poesias Completas* de 1978 e, na edição atual de 2017<sup>1</sup> organizada por Jamyle Rkain. Todos esses livros possuem poemas com teor eróticos, como também, críticas à sociedade considerada conservadora e a condição da mulher naquela sociedade do início do século XX.

Gilka Machado, (uma poetisa do início do século XX) tem uma grande contribuição para a literatura brasileira. Ela participou de movimentos políticos a favor das mulheres, denunciou a condição social delas. Além disso, foi uma poetisa que “cantou o corpo” com seus poemas. Portanto, a nossa pesquisa tem como objeto de estudo a sua poesia erótica. Pois, o procedimento adotado para análise dos poemas chamou atenção para o modo como os sentidos são evidenciados pelo eu lírico.

Assim sendo, para podermos desenvolver a nossa pesquisa tomamos como fio condutor as seguintes questões, de ordem mais geral, a saber: Como a temática erótica é abordada na lírica giliana? De que imagem (s) a poetisa se utiliza para construir seus poemas de caráter erótico? Quais são elementos formais compõem seus poemas?

O nosso trabalho dialoga com estudos sobre a poetisa brasileira Gilka em que constatamos a ausência de estudo sobre ela<sup>2</sup>, que gradativamente vem

<sup>1</sup> A edição de 2017, tem uma importância notável, visto que ela pode atingir um público maior, com isto Gilka Machado se conhecida por esse público.

<sup>2</sup> Ao verificarmos há ausência de estudos sobre Gilka Machado, fizemos um levantamento sobre os poucos trabalhos sobre a poetisa, nos apêndices desse trabalho constará uma lista sobre as pesquisas feitas sobre Gilka com base em BRITO, (2009).

mudando esta realidade com estudos que contribui para que a poetisa seja conhecida. E percebemos que seus poemas tem elementos que podem e devem ser estudados, não só por quem pesquisa sua escrita, mas alunos que estejam nas escolas de ensino médio, ou nas universidades, visto que, podemos perceber a riqueza dos poemas.

Gilka Machado viveu em uma época que a condição da mulher estava ainda ligada ao lar, uma sociedade ainda patriarcal, cheia de regras, em que a mulher devia estar presa às atividades caseiras e religiosas. Em meio de preconceitos surgiu uma mulher que iria contra toda essa realidade. Portanto, o *corpus* da nossa pesquisa tem como base análises os poemas, “Sândalo” do livro *Cristais partidos* (1915); “Particularidades” no livro *Estados de alma* (1917); “Felina” em *Mulher nua* (1922), “Lépida e leve” no livro *Meu glorioso pecado* (1928), e “Fecundação” em *Sublimação* (1938) todos reunidos no livro *Poesia completa* (2017) de Gilka Machado para podermos analisar seus poemas com a temática do erotismo<sup>3</sup>.

Para que esta análise seja elaborada se faz necessário um diálogo com Lúcia Castello Branco (2004) a definição do erotismo, que retoma ao mito grego de Eros, o deus do amor, e uma leitura que a autora faz sobre o erotismo nos textos literários. Também como, em Jesus Antônio Durigan (1985) como o erotismo é explorado nos textos literários, e a representação do Eros na literatura.

No âmbito da crítica literária voltada para a poesia de Gilka Machado temos Fernanda Cardoso Nunes (2007), Irene Lage de Brito (2009), contribui com estudos voltados para a poetisa. Nunes, com o símbolo do Eros, e sua representação na poesia de Gilka Machado. A autora também apresentar a poesia giliana com teor de erotismo. E Irene Lage de Brito (2009), que apresenta a poesia giliana o Eros e suas representações sociais que traz como destaque a repressão da mulher e o comportamento feminino do início do século XX, assim ela busca mostra o erotismo por meio destas representações sociais. Temos também contribuições de Ana Paula Costa de Oliveira (2002), a poesia de Gilka Machado em uma leitura sobre o sujeito poético, e de desejo erótico na poesia de Gilka em uma visão estética e política.

Para contribuir com uma abordagem analítica, lançamos mão dos estudos de Oziris Borges Filho (2009), sobre os gradientes sensoriais, o que eles representam na

---

<sup>3</sup> Vale destacar que a seleção dos poemas foram feita em toda obra, ou seja, cada livro da poetisa foi escolhido um poema, para que possamos perceber que o erotismo é visto em todos os livros.

lírica de Gilka, como os sentidos humanos estão sendo explorado, visto que os gradientes sensoriais se entendem como os cinco sentidos humanos que o homem percebe o espaço e se relaciona com ele.

Tomando estas referências, e outras que vamos utilizar no decorrer deste trabalho um estudo sobre a poetisa, que vem nos trazer uma poesia ousada para época, que causaria sua marginalização na sociedade que vivia. Visto que, o contexto histórico a qual estava inserida não favorecia sua condição de mulher, poetisa, que traria em seus poemas temas ousados, como falar do corpo, e das condições da mulher desfavorecida pela sociedade, pois isto não caberia à mulher.

Nossa monografia está estruturada do seguinte modo: no primeiro capítulo discutiremos sobre as representações femininas, a dualidade entre a “rua” e a “casa”, o que essa dualidade representava para época que Gilka começa a escrever. Em seguida trataremos a fortuna crítica sobre Gilka e sua poesia, a crítica aos seus poemas.

No segundo capítulo discutiremos sobre o que é erotismo, quais são os conceitos sobre ele, a concepção dele no que refere a poesia, a sua representação na sociedade. A representação do Eros na poesia giliana. Como também, discutiremos o erotismo nos textos literários, como o erotismo é visto nesses textos, sejam eles líricos ou não. No terceiro e último capítulo será o procedimento de análise dos seus poemas: “Sândalo”, “particularidades”, “Felina”, “Lépida e leve” e “Fecundação” do livro *poesias completas* (2017), em que iremos observar as imagens eróticas encontradas neles. A imagem do corpo do amado, os sentidos que ela usa a ideia dos gradientes sensoriais representado na poesia de Gilka, ou seja, como que os sentidos humanos são explorados na sua lírica.

Nas considerações finais iremos discutir sobre o resultado das análises feitas dos poemas escolhidos, e se de fato os poemas possui erotismo, e como ele é trabalhado na poesia giliana. Como as imagens que a poetisa usa representa o Eros nos seus poemas. Portanto, iremos finalizar o nosso trabalho com as nossas impressões da lírica de Gilka Machado.

## **CAPÍTULO I: Gilka Machado e a condição da mulher na sociedade no início do século XX.**

Nesse capítulo apresentaremos um pouco da crítica sobre Gilka Machado, as que valorizam ou a menosprezam. Estudos sobre a condição da mulher na sociedade do início do século XX. A história da mulher na sociedade na grande maioria, uma história negligenciada. Desde a antiguidade a mulher tinha seu espaço, que se restringia a casa e cuidar dos filhos e maridos. A mulher começa a ter alguns direitos a partir dos movimentos feministas. No século XIX começava esses movimentos, no Brasil final desse século encontrava-se esses movimentos prol feminista, e com a modernidade mais conquistas. Segundo Oliveira, (2002) “com a modernidade, as mulheres passaram a ter acesso a uma maior mundanidade, mas não uma vida mais ‘livre’” (OLIVEIRA, 2002, p.37).

A partir do século XX, a mulher começa a conquistar certa liberdade, porém ela ainda estava ligada à casa, à igreja nas suas obrigações de ser fiel a Deus e seu marido. Algumas mulheres, nesta época, no Brasil começam a escrever<sup>4</sup>, porém uma escrita ainda voltada para o lar, pois a mulher devia se cuidar, cuidar do marido, filho e da casa. Segundo Oliveira (2002)

Ao mesmo tempo em que as mulheres tinham o dever de manter uma aparência agradável perante o marido (pois o corpo e a conduta da esposa, sob a visão da sociedade patriarcal, são o depósito do capital simbólico do prestígio dele) e de ser as administradoras do lar, boas companheiras, mães instruídas para responder satisfatoriamente às perguntas das crianças, também deveriam manter o recato, controlar a frequência alternada das relações sexuais, ser submissas. Se por um lado era professada a mundanidade e era *chic* saber porta-se em espaços públicos, nos cafés e confeitarias, por outro, era propagado um forte discurso de fixação e identificação das mulheres com a esfera privada (OLIVEIRA, 2002, p.38).

Ainda tínhamos um modelo de mulher das sociedades passadas. A mulher que cuidava do lar e que sabia se portar na sociedade. Essa mulher era controlada pelo homem e pela igreja. Falar do corpo e dos seus desejos estava proibido isto era para as mulheres prostitutas, e que não se encaixasse nos padrões dessa mulher voltada para o lar. Por escrever sobre o corpo e os desejos Gilka Machado foi marginalizada.

Essa marginalização iria causar o esquecimento de uma poetisa que deixou um legado. Poemas sublimes feitos por uma pessoa que trazia uma sensibilidade e força ao

---

<sup>4</sup> As mulheres que escreviam nessa época eram na imensa maioria mulheres, brancas de classe alta da sociedade e com estudos. Algumas dessas mulheres escreviam livros para crianças, livros culinários e quando escreviam poesia era sobre o “amado”, e eram proibidas de falarem sobre o corpo e seus desejos, essa ousadia partiu de Gilka, causando sua marginalização.

mesmo tempo. Aos 13 anos Gilka Machado foi taxada de “matrona imoral”<sup>5</sup> a primeira crítica feita à poetisa. Como ela disse à crítica que iria sujar toda sua história, porém ela não deixou de lutar a favor de melhores condições para as mulheres e os direitos que elas tinham. Um dos direitos era de escrever seus poemas da forma que desejava.

### **1.1 As representações femininas dualidade entre o “privado e o público”**

Nas sociedades antigas a mulher tinha o seu espaço demarcado, no início do século XX não estava tão diferente das sociedades antigas. A mulher daquela época, feita para casa, obediente ao pai, ao marido, e a religião, a reprodutora que não podia fugir desse ambiente, pois era considerada uma meretriz dentre outros adjetivos. No Brasil não era tão diferente a mulher era vista como esse ser que tinha que ser domesticada para o lar, segundo Mery Del Priore:

Vale dizer, finalmente, que o território do feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e o conflito não imprimem suas marcas. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementaridades sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia (MARY DEL, 1994, PRIORE, p.13).

E é nessa trama com teias de intrigas que, no início do século XX, se encontra Gilka Machado conhecida com a “cigarra de fogo” vem trazer uma poesia que iria chocar a sociedade da época, considerada conservadora, que via a mulher como o “anjo do lar”. Porém, surge Gilka uma mulher, mulata, pobre, que escreve sobre o corpo e seus desejos. Ela começa a escrever poemas com um teor de crítica contra essa sociedade, denunciando o desprezo à mulher, e sobre o que causou sua marginalização escrevendo sobre o erotismo, que teria como retorno fortes críticas contra ela.

Por causa de sua ousadia Gilka Machado receberia fortes represálias da sociedade em que vivia, pois como afirma Fernanda Cardoso Nunes (2007) esta sociedade do início do XX, estaria diante de duas correntes ideológicas que representavam o papel da mulher que:

Defendia o direito feminino à emancipação através de qualquer atividade e enfatiza a importância do trabalho e da educação como meios para sua realização pessoal. A outra afirmava a importância da

---

<sup>5</sup> Gilka Machado foi considerada “matrona imoral” depois de escrever os três poemas que concorreu a um prêmio do concurso promovido pelo jornal A Imprensa, um crítico afirma que aqueles poemas não poderia ser escrito por uma criança, porém de uma matrona imoral, essa foi sua primeira crítica.

sua educação no sentido de que pudesse melhor cumprir suas funções de “anjo do lar”, seus deveres com a família e a sociedade, reforçando assim o patriarcalismo então vigente (NUNES, 2007, p.44 - 45).

Temos aqui, então, duas representações femininas da época, a mulher que começava ter uma representação social participando da vida pública, de alguma forma tinha um destaque, que dialogava com a mulher que era considerada o “anjo do lar” longe do mundo político e social, pois ela era considerada até então como “mera reprodutora, trazia a função de mãe, a origem da estabilidade e da permanência da família. A consequência disso seria, em quase todas as sociedades, a sua subordinação social” (ARAÚJO, p.63 1995, apud. NUNES, p.46, 2007).

Assim sendo, este papel de subordinação social estaria ligado ao privado, com isto não permitiria às mulheres falarem sobre questões fora da esfera doméstica, pois como coloca Irene Lage de Brito (2009) a mulher continuava com seus afazeres domésticos em que:

Ela continuava a ter, socialmente, um papel passivo, que lhe permitia mover-se apenas no espaço que reforçasse aquelas funções: o privado. Por isso, ações fora desse espaço, em qualquer esfera, representavam transgressão, principalmente quando envolviam temas considerados tabus, como o erotismo feminino (BRITO, 2009, p.10).

O papel feminino, no início do século XX, ainda estava muito reservado ao ambiente doméstico, apesar das poucas conquistas que as mulheres vinham fazendo. Nessa época as mulheres já estavam participando da vida social surgindo, escritoras, poetisas neste caso “a mulher deixava de ser apenas musa, passando a ser também criadora” (NUNES, 2007, p.51), apesar de que as mulheres escreviam, e suas publicações estariam ligadas ao sistema patriarcal, as mulheres escreviam falava sobre o ser mãe pois,

Inicialmente, a aplicação da visão que se tinha da mulher e o papel que lhe era atribuído socialmente não adivinha do reconhecimento dos seus direitos individuais, nem dos seus desejos pessoais, mas tão-somente de mais obrigações que deveria assumir perante essa sociedade (BRITO, 2009, p.24).

As obrigações eram restritas à casa e à família, a mulher não poderia nem pensar em trabalhar fora desse contexto e muito menos escrever. A escrita das mulheres já tinha um espaço, é neste contexto que surge a poetisa carioca Gilka Machado, que com sua ousadia recebeu críticas severas, mas também que as defendessem. Gilka iria trazer

em sua poesia “o silêncio imposto às mulheres que ousassem transgredir padrões convencionais ao exercício da escrita, Gilka Machado canta o seu corpo e suas sensações, transformando a sua ânsia de fusão erótica numa celebração de vida” (NUNES, 2007, p. 11). Com isto, as críticas, que seria tanto na vida pública e privada, que vincularia ao silêncio de sua obra por vários anos, e que hoje é desconhecida por muitos.

Ela vem ser a primeira mulher brasileira a escrever sobre o erotismo na literatura brasileira, por causa dessa sociedade conservadora a poesia giliana, e colocada à margem, esquecida por todos. E apenas sendo defendida por alguns, que ao tentar ajudá-la, denomina sua poesia do Movimento Simbolista, com isso ela foi considerada uma poetisa simbolista, sua poesia seria apenas simbólica, como afirma alguns críticos, porém percebemos uma poesia moderna, ousada, que não deixa a desejar no movimento moderno, que surgiu nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Nunes (2007).

As primeiras publicações de Gilka Machado provocaram escândalo de público e de crítica que consideram seus temas audaciosos e impróprios para uma jovem poetisa, leia-se, para uma mulher-escritora. Tal polêmica marcaria profundamente tanto sua vida quanto sua obra (NUNES, 2007, p.63).

Gilka Machado a pioneira no Brasil a publicar poesias eróticas, sua ousadia não ficou apenas na sua lírica, ela trabalhava, criava seus filhos, participava de movimentos em defesa dos direitos das mulheres, esquecida por ser a “imoral”, não deixa com que as adversidades ela tomasse outros caminhos, e na “oportunidade” de ser (re) conhecida, recusa o convite de uma das cadeiras na Academia Brasileira de Letras. Apesar da recusa logo depois no ano de 1979 é premiada na Academia Brasileira de Letras e foi eleita representante da mulher brasileira, tanto também seu nome escrito nos anais da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

A “Cigarra de fogo” como era conhecida pelos modernistas da revista Festa, deixou um grande legado, que foi deixado de lado por causa de uma sociedade moralista, e aos poucos sendo redescobertos, não pode ser esquecido, a obra de Gilka Machado é uma obra que tem muito a ser estudado. Uma poetisa criticada por escrever de corpo e alma, como a mesma falava: “eu escrevi com o corpo e a alma” (GOTTLIB, 1979. apud. BRITTO, 2009, p. 19). Uma poetisa que escreveu seus poemas sem “medo” e sem “pudor” escreveu para ser lida, afinal “todo mundo queria conhecer o livro imoral”. (GOTTLIB, 1979. apud. BRITTO, 2009, p. 18). Pois, apesar dessa sua

trajetória marginalizada ela tinha seus leitores curiosos que queriam conhecer seus poemas.

Enfim, por mais que houvesse o esquecimento, Gilka Machada não deixou de escrever como ela queria, com todos os seus sentimentos e todos os seus sentidos, sobre o erótico, sobre a condição da mulher, Gilka foi ousada para seu tempo, uma mulher que não deixou de fazer o que desejava por falarem que era errado. A imoral deixou um vasto trabalho que merece olhares para ele, suas poesias merecem ser lidas e relidas por todas as classes sociais. A cigarra de fogo é a poetisa que falou de todas suas percepções e nas suas poesias deixou sua marca que não deve ser esquecida.

## **CAPÍTULO II: O erotismo e seus questionamentos**

O erotismo na sua história é considerado como algo marginalizado, que se deva ficar silenciado, pois ele não é assunto para ser discutido em família e nem em sociedade, ele vai na contra mão dos que buscavam um controle social. Isto não é tão

forte na modernidade, pois ela busca uma quebra de tabu em relação a este assunto e o que cabe a sexualidade, este controle vem desde antiguidade com Platão, no intuito de controle, de acordo com Lúcia Castello Branco (2004) ela afirma que:

Não é de se estranhar que, nas sociedades de governo totalitário, a questão do erotismo se coloque como fundamental. Sabemos, desde Platão, do poder desse deus incapturável. Para formar cidadãos frágeis e inseguros, é preciso reparti-los, mutilá-los, transformá-los em metades de metades, sem nenhuma possibilidade de recomposição. Isso se faz há séculos, através de inúmeras e sutis modalidades de controle do desejo, e de severas punições aos infratores da ordem (CASTELLO BRANCO, 2004, p11).

Segundo a mitologia grega o erotismo deriva do deus Eros. O texto mais antigo quem vem falar desse deus encontra-se no *Banquete*, de Platão. Há seis discursos destinados a Eros com divergências de sua natureza. No discurso de Aristófanes narrar à busca de um elo perdido, um Eros na busca de suas metades. Segundo Ann-Deborah Lévy.

Aristófanes conta como, duplos em sua origem, os homens foram cortados em dois como castigos por sua audácia, e desde então procuram desesperadamente unir-se à metade que lhes falta. Eros, assim, representa o instinto que permite aos homens reencontrar momentaneamente sua unidade primordial, a felicidade (Ann-Deborah Lévy, 1997, p.322).

Ao se falar de erotismo, do que é erótico causa certo desconforto entre as pessoas, pois o erotismo é visto como a fraqueza dos seres humanos, “rebaixado ao nível das manifestações imorais, irrelevantes, apolíticas, menores, desagregadoras e perigosas” (DURIGAN, 1985, p.10). O erotismo desde sempre é visto como marginalizado, um assunto que não pode ser conversado no seio da família; há lugar e espaço para o erotismo, e este lugar não é em uma sociedade que busca um controle, esta por vez “obrigou o erótico a refugiar-se no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro, que, com o tempo, passaram a ser aceitos quase como suas características absolutas” (CASTELLO BRANCO, 2004, p.11).

O erotismo na sociedade moderna ainda vem buscando seu espaço que não está consolidado, mas afinal o que é o erotismo que causa tantas discussões e é tão silenciado pelas sociedades? De acordo com a mitologia grega Eros era considerado “o deus do amor, que aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas” (CASTELLO BRANCO, 2004, P.09). O deus do amor é aquele que vai multiplicar e unir as espécies vivas, que busca uma união e uma religação dessa espécie não apenas

pelo ato sexual, mas também a relação entre a vida e a morte, como afirma Castello Branco (2004).

A ideia de união não se restringe aqui apenas à noção corriqueira de união sexual ou amorosa, que se efetua entre dois seres, mas se estende à ideia de conexão, implícita na palavra religare (da qual deriva religião) e que atinge outras esferas: a conexão (ou re-união) com a origem da vida ( e com o fim, a morte), a conexão com o cosmo (ou com Deus, para os religiosos), que produziriam sensações fugaz, mas intensas, de completude e de totalidade (CASTELLO BRANCO, 2004 p.09).

Temos aqui a ideia do erotismo na busca de uma união da vida e a morte e como também essa ligação com Deus pode ser encontrada na poesia de Gilka Machado. A relação dessas esferas o desejo da união, a busca desse elo perdido é visto na lírica giliana, por exemplo, o poema “Estos da primavera” no livro *Mulher nua* (1922).O desejo desse encontro, podemos constatar a procura dessa união na estrofe seguinte.

E, ò meu amor! Com que ternura  
Minha alma te procura!  
Por ti tenho em meu ser  
A anciã mansa do rio  
A correr  
E a treme; (GILKA MACHADO, 1922, p.77).

Nos dois primeiros versos podemos perceber que a alma do eu lírico procura algo que foi perdido, podemos inferir que pode ser o seu marido que morreu, e Gilka com sua poesia buscar por ele. Neste poema também podemos ver a esfera da vida e da morte.

Por tua vida eu tenho a languidez das flores  
Resignadas, silenciosas  
Às brisas entregando seus amores.  
Por tua vida eu tenho a alegria das rosas.  
[...]  
Por esta clara e ardente primavera,  
Ai quem me dera!  
Quem me dera  
Morrer em ti, aniquilar-te em mim (GILKA MACHADO, 1922, p.74-75).

Nos primeiros versos vemos o desejo da vida, a vida do amado e a sua vida, o eu lírico tem o desejo de viver. Já no último verso temos o desejo da morte, “morrer em ti, aniquilar-te em mim”, pois sem o amado não há vontade de viver. Assim sendo, a ideia do Eros nesta perspectiva pode ser vista na lírica giliana, ou seja, a dualidade da vida e

da morte. Os dois deuses da mitologia grega Eros (deus do amor e da vida) e Tanatos (deus da morte), duas forças opostas que estão interligadas em nosso consciente, como de acordo com Freud o desejo da vida está ligado ao desejo da morte. Esse dois desejos é representados por Eros e Tanatos, que viviam em conflito (CASTELLO BRANCO, 2004. p.31).

Além da dualidade temos outra no erotismo que é a questão do amor carnal e o amor espiritual. O Eros no seu lado profano, o desejo da carne, e o Eros no seu lado sagrado, um amor mais puro. Assim, como essas dualidades também estão voltadas para as sociedades, muitas delas excluíram o erotismo. O cristianismo que vê-lo como profano e que deve ficar marginalizado, separando os desejos. Já as religiões do Oriente colocam o sagrado e o profano juntos, “erotismo e religiosidade mantêm um estreito parentesco” (CASTELLO BRANCO, 2004, p.44).

Na lírica giliana podemos perceber esta dualidade de um amor mais espiritual, um amor puro, como o amor maternal, a exemplo do poema que Gilka dedica a seus filhos, o poema “Helios e Heros” que se encontra no livro *Estados da alma*. Nele eu lírico apresenta uma amor maternal, puro, e um amor que ensina e que cuida. Um exemplo de um amor mais carnal podemos encontrar no soneto “Vibrações do sol”, no mesmo livro; na terceira estrofe do poema, o eu lírico deseja viver emoções novas e ama o bem e o mal. E na quarta estrofe o eu lírico revela que nos dias de sol seus sentidos estão se preparando para algo, vão voar para o seu desejo ideal.

### **Hélios e Heros**

Filhos meus – duas forças bem pequenas  
que amo, e das quais sustar quisera o adejo;  
pequenas sempre fora meu desejo  
tê-las, aconchegadas e serenas (MACHADO, 2017, p. 146)

\*\*\*\*

### **Vibrações do Sol**

Saem dos lábios meus as expressões em trovas  
quero viver, gozar emoções muito novas,  
amo quando me cerca, amo o bem, amo o mal.

E, numa agitação de anseios incontidos,  
nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos  
são aves ensaiando o voo para o Ideal (MACHADO, 2017, p.152).

Com as faces e os dualismos que o erotismo se apresenta desde a antiguidade e até atualidade, ainda não temos um consenso de visões sobre o que é o erotismo, sabemos que vem da mitologia grega com o deus Eros, como também que ele é marginalizado por sociedades autoritárias por buscarem um controle social. O que é de fato erotismo ou erótico, Castello Branco (2004) no seu livro intitulado *O que é erotismo*, tenta buscar uma definição para ela, segundo ela para ter esta definição precisa seguir o rastro do Eros. De acordo com José Paulo Paes (1990).

Numa esquematização mais ou menos grosseira, poder-se-ia dizer que, diversamente da sexualidade animal, ligada de imediato aos órgãos da reprodução e voltada de todo para a perpetuação da espécie, o erotismo é uma atividade diferencialmente humana – um fato de cultura, portanto - , que abdica de caso pensando de qualquer fim genésico para se preocupar apenas com o prazer em si (PAES, 1990, p.15).

Mas, se não há um consenso sobre o que é erotismo, e se ele é marginalizado pelas sociedades, o que temos então para falar do texto erótico, como saber se um texto é considerado ou não erótico? Ao estudar as poesias de Gilka Machado, para perceber se há um teor erótico nas poesias, no tópico a seguir iremos buscar um caminho concluir se há esse teor na lírica giliana.

## **2.1 Erotismo nos textos literários**

Como podemos perceber por mais que o erotismo esteja à margem da sociedade e principalmente das sociedades autoritárias, ele está presente na história dessas sociedades, assim como ele está presente na literatura. Não é de agora que encontramos textos, poesias, livros, folhetos, assim por diante, que tenha como temática o erotismo, por mais que ele seja considerado algo que vá contra a sociedade e por isso ele deve ficar na escuridão há que produza e consumam literatura erótica.

Se o erotismo é posto à margem da sociedade, como ele se apresenta na literatura, e como ele circula? Não é algo da sociedade moderna que o erotismo aparece nos textos, o erotismo advindo da mitologia grega já tem alguns séculos de histórias, temos também o livro mais antigo que apresenta a experiência erótica de um modo diferenciado, o *Kama sutra* o livro da arte do amor hindu, o que se tem como registro, mas dentro da história da literatura os textos eróticos estão presentes.

A literatura erótica, contanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser. O que ela busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica. Representar é re-apresentar, tornar novamente presentes – presentificar – vivências que, por sua importância (PAES, 1990, p.14).

No que se refere a esses textos e os livros com teor erótico Robert Darnton faz um levantamento desses livros que são considerados proibidos no século XVIII na França<sup>6</sup>. Ele afirma que “evidentemente, sempre houve obras eróticas, desde Antiguidade, e nos inícios do século XVI Aretino superou Ovídio ao celebrar a cópula e a linguagem da luxúria” (DARNTON, 1998, p.102). Portanto o erotismo está presente na literatura, e esteve presente na literatura de acordo com Durigan (1985), em todas as épocas houve literatura erótica e o interesse por ela.

Mas, como saber se, de fato, aquele texto se refere à literatura erótica, como pergunta Durigan (1985), “o que é o texto erótico?” Para ele a pergunta é um pouco complicada de responder, visto que vai depender do fator cultural, para que possa determinar se um texto é de fato erótico segundo ele “por ser um fato cultural, o texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura que foi elaborada” (DURIGAN, 1985, p.07). Portanto, em cada época em uma determinada sociedade o texto erótico tem suas particularidades, seus interesses e suas formas de falar do que é erótico.

Sendo o texto o que produz todas essas expressões, e sendo a literatura erótica marginalizada, nos interrogamos como esses textos circulavam como as pessoas tinham acesso? Durigan (1985) faz um levantamento desses textos em épocas diferentes, mostrando como estes textos apresentam o erotismo, porém a não era fácil de encontrá-los, visto que, eram proibidos e havia os espaços que podia encontrá-los, de acordo com Durigan esses espaços reservados pela sociedade seriam:

A cama dos pais, a esquina, os modernos motéis, os textos de bancas de revistas, os textos que circulavam e circulam secretamente de mão em mão, a literatura, as representações plásticas, proibidas no passado,

---

<sup>6</sup> Robert Darnton no seu livro *Os best-sellers proibidos* da França pré-revolucionária, faz um levantamento dos livros que eram lidos na França do século XVIII. Ele afirma que a leitura dos livros de Rousseau e Voltaire existia. Porém, livros de escritores “desconhecidos” como Jean-Baptiste de Boyer, Louis-Sébastien Mercier, Pidsnsat de Mairobert, também eram lidos, mas sua literatura era considerada ilegal. Essas obras ilegais eram lidas por pessoas comuns da sociedade. Além, dessas obras os que os leitores mais liam era obras eróticas e pornográficas.

permitidas quando no museu, as representações visuais, os modernos vídeo-cassetes, etc. (DURIGAN, 1985, p.09).

Como podemos perceber os textos circulavam secretamente nas mãos das pessoas que consumiam esses tipos de texto, secretamente para não corromper a moral e os bons costumes da sociedade, considerando uma literatura ilegal, elas “circulavam secretamente pelos canais do comercio clandestino. Esses canais levavam a leitores famintos de todo o reino a reação básica de literatura ilegal” (DARNTON, 1998, p.19). Ele aqui se refere à França do século XVIII, em que a literatura não só a erótica circulava no comércio clandestino.

No que refere ao Brasil essas obras também eram marginalizadas, e seu comércio seria “por baixo dos panos”, pois “na medida em que as criações eróticas foram obrigadas a passar por seu crivo estreito, preconceituoso e político incentivaram o proibido, coibiram a criação e, direta ou indiretamente, proibiram o desvendamento e a elaboração cultural de novas representações eróticas” (DURIGAN, 1985 p.18). Com isso toda e qualquer obra que trazia consigo nas suas entrelinhas, o erotismo eram proibidas por atenta contra aquela sociedade.

E quando Gilka Machado começou a escrever sua poesia erótica não foi diferente, o fato de ela ser mulher, e sozinha contribuiu para sua marginalização, visto que ela sendo mulher não deveria escrever sobre o erotismo.

E nada melhor do que a palavra para falar, a linguagem é um instrumento que perpassa todas as barreiras possíveis, por isso que Octavio Paz (1994) considera o texto, poético, principalmente a poesia erótica como uma metáfora segundo ele:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem - som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas - é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, O erotismo não é mera sexualidade animal- é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora (PAZ, 1994, p.12).

O erotismo é a poesia corporal e a poesia seria a erótica da palavra. Assim podemos perceber na lírica de Gilka Machado muito dessa erótica verbal, pois por meio da palavra e dos sentidos que ela produz que a poetisa expressa todo o erotismo na sua poesia, pois a linguagem consegue transmitir sons, sentidos, sensações e na lírica

gilkiana percebemos o jogo, pois “a poesia, portanto, é a linguagem erotizada” (NUNES, 2007, p.76).

Enfim, o erotismo vai de encontro com uma sociedade que coloca regras, porém seja por meio da literatura ou das artes, de modo geral, o ele vai está presente, seja ele em uma forma de canção, de romance, de poesia ou qualquer outra forma, pois o “texto erótico se podemos especular, se constituiria em uma forma com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico” (DURIGAN, 1985, p. 31). Com o propósito de montar esse espetáculo o texto erótico estará presente sempre sem preconceito e sem marginalização, pois ele causara incômodo, porém não será esquecido.

No próximo capítulo iremos analisar o texto poético de Gilka, para verificarmos se na sua poesia o erotismo. Qual a forma com que Gilka trabalha o seu texto poético? E como o erotismo está posto na sua lírica?

### **CAPÍTULO III: GILKA MACHADO E SUA LÍRICA SENSORIAL**

Gilka da Costa de Mello Machado, ou apenas Gilka Machado foi uma poetisa do começo do século XX. Descendente de uma família de artistas, casada com o poeta e

jornalista Rodolfo Machado, mãe de dois filhos, Helios e Eros. Em 1923 ficou viúva aos 30 anos. Após a morte do seu marido ela se torna dona de uma pensão. Trabalhou arduamente para educar os filhos e para publicar suas obras, visto que era ela que custeava as edições dos seus livros, ou melhor, deixava fiado, como ela mesmo falou em entrevista a Nádya Batella Gottlib em 1979: “Quem tinha dinheiro editava. Eu editei fiado” (GOTTLIB, 1979. apud. BRITTO, 2009, p. 78).

Na sua trajetória literária Gilka Machado em 1927, ainda em meio de críticas, que acompanharam sua carreira, pública poemas na revista modernista a *Festa*. No ano seguinte pública, livro *Meu pecado Glorioso* com uma carga de erotismo bem maior do que nos outros livros. Para Nunes (2007), “Encontra-se nesta obra o ponto culminante da lírica giliana e o ápice de toda uma perseguição por parte da crítica da época. Toda a sorte de preconceitos sofreria a autora” (NUNES, 2007, p.42). Em 1930 no Peru seus poemas são publicados no livro 9 poetas *Nuevos del Brasil*, que incluiu trabalhos de escritores com Manoel Bandeira e Mário de Andrade e outros.

Em 1931 é pública *Carne e alma* e em 1932 seus poemas são publicados na Bolívia uma antologia com poemas escolhidos de quatro dos seus livros, com o título *Sonetos y Poemas de Gilka Machado*. No ano de 1933 foi eleita pela revista carioca *O Malho*<sup>7</sup> “a maior poetisa do Brasil”. Passa um tempo sem publicações e volta à pública em 1938 o livro *Sublimação*. Mais uma pausa nas publicações, retornando em 1947 com a antologia *Meu Rosto*. Em 1968, depois de mais de 20 anos sem publicações, lança o livro *Velhas poesias*, e em 1978, *Poesias Completas*, livro com uma seleção de poemas dos outros livros.

Dona Gilka Machado, como era chamada, em sua lírica, explora de modo intenso as sensações advindas dos vários sentidos. Dona de uma lírica que causou muitos incômodos em sua época, a poetisa que usou das palavras, para denunciar uma sociedade que via a mulher como um objeto condicionado as regras nela as que não seguissem esse padrão de mulher. Por isso, que Gilka foi marginalizada pela sociedade

---

<sup>7</sup> A revista *O Malho*, começou a ser veiculada em 1902. Essa revista não era uma revista oficial, como a revista *A Festa*, e na revista *A faceira*. A poetisa Gilka Machado tinha alguns dos seus poemas publicados nela. Em 1930, ela combateu a Aliança Liberal de Getúlio Vargas. Com a vitória de Getúlio as publicações da revista foram impedidas de circular por um período, voltando suas publicações de notícias literárias. Sobreviveu até 1954, e hoje tem uma versão eletrônica, com algumas edições, no site da Fundação Casa de Rui Barbosa.

carioca daquela época. Por trazer na sua poesia a denúncia da condição feminina, de uma sociedade repressora, mas também a exploração do corpo e seus desejos.

Gilka inovou e ousou a falar com uma singeleza o que tocava na ferida daquela época. Uma mulher que cantou e sentiu todos os prazeres e sensações que o corpo sentia. Ela escreveu sobre a natureza, sobre o ser mulher e suas condições, mas o que nos exalta aos olhos é a forma com que representa o Eros em seus poemas. Ao escrever poemas eróticos, ela expressa na sua poesia o que os sentidos humanos e animais revelam as sensações que o tato produz. Os aromas sentidos, os gostos deixados na boca do eu lírico. Os olhares que observa tudo aos seus redores. Nesse sentido uma teoria voltada para o modo como os sentidos são acionados ajuda a compreender acordo com Borges Filho (2009):

Entendemos os cinco sentidos humanos através dos quais o homem percebe o espaço, relaciona-se com ele a visão, audição, olfato, tato, paladar. A ideia de gradiente está no fato de a relação entre o sentido e o espaço estabelecer uma gradação. Assim, a visão é o sentido em que a percepção do espaço acontece numa maior distância, enquanto o sentido do paladar é o polo oposto (BORGES FILHO, 2009, p.167).

O eu lírico, sentiu na pele o arrepio causado pelo inverno, o perfume das flores, ouviu os barulhos que a noite gritava, e na boca os gostos doces e amargos da vida, viu a nudez do corpo e da poesia, viu a sensualidade provocada por uma gata. O eu lírico canto o erótico de várias formas, com suavidade e destreza. Uma poesia vista simbólica<sup>8</sup> cheia de modernidade que marcou história na literatura brasileira, e a nossa análise pretende mostra toda a riqueza da lírica giliana e o erotismo como ele está presente.

Os primeiros poemas com um teor de erotismo Gilka fez ainda na escola com 13 anos foi vencedora de um concurso promovido pelo o jornal *A Imprensa* dirigido por José do Patrocínio Filho. Foi através de concurso que Gilka recebeu suas primeiras críticas, foi questionada por jornalistas para verificar se aqueles poemas eram dela mesmo, sendo confirmada a autoria foi classificada por um famoso crítico como uma “matrona imoral”. De acordo com Eros Volúcia havia premiação para três colocações e Gilka vencera as três.

---

<sup>8</sup> A poesia de Gilka considerada simbolista por alguns críticos, não por ser de estilo de época, mas por trazer para as poesias símbolos que transmitisse o estado da alma e sua emoção interior. Esse estado da alma do artista necessita de uma linguagem diferente. A linguagem diferente da poesia giliana, tem na palavra um valor simbólico transcendente e abstrato. Por isso, ela usa metáforas, rimas, musicalidades entre outras características que denomina uma linguagem simbólica (PROENÇA FILHO, 1984. p.226).

Havia prêmios para o primeiro, segundo e terceiro lugares. Ela ganhou todos os três: um com o nome e com poema “Falando à Lua” e os outros dois com “Rosa” e “Sândalo”, sob pseudônimos. Quando foi receber os prêmios, acompanhada de uma tia, os redatores do jornal vieram lhe fazer perguntas para se verificarem que os versos eram mesmo de sua autoria (VOLÚSIA, 1993. apud. OLIVEIRA, 2002. p.48).

Esses três poemas se encontra no livro *Cristais Partidos* (1915), seu primeiro livro. Os poemas “Rosas” e “Sândalos” revelam as sensações que o perfume pode transmitir, e na lírica giliana o perfume e suas sensações, principalmente, sensações olfativas estão presentes.

Na conferência literária *A revelação dos perfumes*, em 1916, Gilka fala das sensações que os perfumes podem causar. “Para dissertar de um modo satisfatório sobre o perfume ser-me-ia necessário decifrar o enigma dessa linguagem que se acha, vaporosamente, gravada na esfinge da Natureza” (MACHADO, 1916, p.09).

### 3.1 Poesias e Sensações

O primeiro poema a ser analisado tem como título “Sândalo.

#### Sândalo

Quente, esdruxulo, ativo, emocional, intenso,  
o sândalo espirala, o espaço ganha, berra...  
e eu, que sôfrega o sorvo em longos haustos, penso  
que há nele a emanção da volúpia da Terra.

Odor que o sangue inflama e que um desejo imenso  
de prazeres sensuais em nossas almas ferra,  
quer perfume o branco de um rendilhado lenço,  
quer percorra a cantar as planícies, a serra.

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,  
e perco-me do amor na esplêndida floresta,  
onde a velha serpente aos meus olhos assoma.

Há rumores marciais, agressivos rumores,  
de trompas, de clarins, cornetas e tambores,  
na forte exalação deste infernal aroma (MACHADO, 2017, p.64).

O sândalo é uma planta de madeira aromática e resistente, originária da Índia e outras partes da Ásia. Ele possui um óleo aromático que é usado para perfumaria. Do óleo extraído é utilizado em perfume que tem o mesmo nome. Além do óleo a madeira para a fabricação de esculturas.

Mais do que uma planta aromática ele era usado nos templos pagãos em orgias. Um dos elementos da natureza que Gilka usa em seus poemas. A natureza aqui não é usada como algo idealizado típico do simbolismo, a natureza é algo mais palpável, e o que ela pode fazer sentir, e está presente na vida do eu lírico. Na conferência, *A revelação dos perfumes* (1916), Gilka escreve sobre os perfumes e o que eles podem causar no sentido, em comparação com incenso ela diz:

O sândalo e o incenso – perfumes-resinas-pela adversidade das emoções que despertam, formam uma verdadeira antítese aromal. Nas primitivas “missas negras” o sândalo era, dentre outros perfumes, usado nos templos pagãos com um estímulo para a orgia; o incenso, ainda hoje, é queimado nos templos cristãos como um incentivo para o sonho. O sândalo é um afrodisíaco para os sentidos; o incenso é dos sentidos o anestésico. O sândalo é um perfume vermelho, um perfume infernal; o incenso é um perfume azul, um perfume celeste. Há no sândalo o estrídulo rumor das trombetas de guerra; há no incenso falamos à alma, fala-nos de todas as causas vagas e místicas; o sândalo fala-nos ao instinto, acorda-nos a volúpia (MACHADO, 1916, p. 26).

A comparação que ela faz entre o sândalo e o incenso dá para perceber as diferenças entre estas duas plantas. O sândalo está ligado aos pagãos, à orgia, à volúpia. O seu aroma desperta todos os sentidos eróticos possíveis, visto que tem um aroma forte que faz despertar os sentidos, pois “nas criaturas o perfume é sempre a manifestação de um estado patológico e físico. Também nas plantas ele revela todos os sentimentos vegetais” (MACHADO, 1916, p.27). Assim sendo, o perfume desperta os sentidos. Na primeira estrofe percebemos:

Quente, esdruxulo, ativo, emocional, intenso,  
o sândalo espirala, o espaço ganha, berra...  
e eu, que sôfrega o sorvo em longos haustos, penso  
que há nele a emanção da volúpia da terra.

Nessa estrofe percebemos o enigma que esse perfume provoca no corpo a sensação do quente, esdruxulo, intenso, emocional, ativo que absorve da terra a volúpia que há nela. O eu lírico ao sentir o perfume do sândalo embriaga-se ao sentir, apressa-se para retirar de um lugar profundo o aroma do sândalo e sua sensualidade provocada pelo mistério do perfume do sândalo.

O aroma do sândalo é tão intenso que ele ganha espaço e “berra”, temos aqui uma sinestesia. O cheiro grita por todos os lugares, o aroma da volúpia, a volúpia é propriamente ligada aos prazeres terreaux dos seres humanos e seres animais, a volúpia é

sentida pelo aroma do sândalo que manifesta todos os “instintos”, e na poesia de Gilka a provocação dos sentidos está presente, mais uma da sua característica.

Além do aroma que o eu lírico sente do sândalo, ele também sente o seu odor, odor este que causa desejos intensos e sensuais. Segundo Borges Filho (2009) “odor que o sangue inflama e que um desejo imenso” um odor que causa sensações que eu lírico explora, “o odor pode mais facilmente que os outros sentidos evocar lembranças carregadas emocionalmente” (BORGES FILHOS, 2009, p.178).

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,  
e perco-me do amor na esplêndida floresta,  
Onde a velha serpente aos meus olhos assoma.

O eu lírico sente esse odor embriaga-se e se perde no amor e de prazer que ele sente o aroma que a “velha”, a luxúria, salta aos olhos como uma serpente a luxúria ocupa o lugar mais alto. A contradição do odor e do aroma do sândalo caracterizado pelo eu lírico, mistura-se o quente, o ativo com o esdrúxulo, emocional provocando um desejo forte que é considerado pelo eu lírico um “infernial aroma” que provoca todas essas sensações eróticas. Esse aroma é infernal que provoca o instinto.

O olfato embriaga-se nesse prazer sentido pelo eu lírico, o olfato o sentido sensível que consegue absorve percepções diferentes está na poesia giliana, não só com esse poema, mas outros poemas que encontramos em sua lírica. Olfato, considerado um dos sentidos “menos nobres”<sup>9</sup>, antigamente, visto que, o olfato, paladar e o tato, eram segundo Nunes (2007), “destinadas à satisfação das necessidades imediatas do corpo e, portanto, os mais sensuais” (NUNES, 2007, p. 85). O olfato no soneto “sândalo”, é o sentido central, tem toda uma representação, visto que o perfume é carregado de sensualidade, o eu lírico embriaga-se de prazer ao sentir o aroma dessa planta, causando essas sensações que o eu lírico caracteriza.

Na poesia giliana a sinestesia é algo presente, ela explora a sinestesia que também podemos perceber no poema “Sândalo”, temos a mistura do olfato com a visão “quer perfume o brancor de rendilhado lenço”. Temos o tato e “o espaço ganha, berra”, “quer percorra a cantar as planícies, a serra”. O gradiente sensorial olfativo de maneira

---

<sup>9</sup> De acordo com Nunes (2007), na antiguidade os órgãos eram classificados como “menos nobres” e “mais nobres”, essa hierarquia se dava por causa da proximidade com o corpo, a visão e audição tinham menos contato e eram considerados nobres, os demais tinham contato imediato eram menos por satisfazer o corpo imediatamente.

sinestésica faz com que se perceba o perfume sensual que o sândalo exala nas qualidades dele misturando-se com outros sentidos subjetivos. As adjetivações que a poetisa caracteriza o sândalo dá um ritmo acelerado, que vemos um desejo pulsante.

Enquanto a sua estrutura formal temos no poema “Sândalo” um soneto alexandrino, típico dos poetas parnasianos. Mas esse poema não é parnasiano, visto que Gilka usa esse tipo de métrica para poder dá ritmo ao seu poema, com uns versos longos, com rimas alternadas, seguindo um esquema ABAB CCD. No que se refere à linguagem, ela é culta, próprio da escrita, decorre dos usos de palavras como: “esdrúxulo”, “hausto”, “sôfrega”, “aspiro”, “agressivos” dentre outras, demonstrando uma linguagem bastante culta, Gilka usa uma linguagem bem própria.

Portanto, o poema “Sândalo”, nos mostra um mistério que o seu perfume revela, um perfume provocador que desperta o desejo do eu lírico. Mas além do desejo esse perfume desperta sensações, sensações que remete a volúpia, o desejo, podemos vê isso quando Gilka adjetiva o sândalo, essa caracterização faz com que percebamos a sensualidade que esse perfume demonstra, é quase uma personificação desse perfume. Ou seja, o perfume do sândalo é um perfume provoca desejos e mistérios.

O próximo poema está em, *Estados de alma* (1917), neste livro contém poemas que denunciam a condição da mulher na sociedade. Porém, outra temática está presente nele o erotismo é visto no livro. O poema “Particularidades” é composto de dois sonetos, que há um teor erótico, neste poema o íntimo do eu lírico está presente, como título nos mostra é algo bem particular. Vamos analisá-lo em dois momentos. No primeiro momento o primeiro soneto.

### **Particularidades...**

Muitas vezes, a sós, eu me analiso e estudo,  
Os meus gostos crimino e busco, em vão torcê-los;  
É incrível a paixão que me obsorve por tudo  
Quanto é sedoso, suave ao tacto: a coma... Os pelos...

Amo as noites de luar porque são de veludo,  
Delicio-me quando, acaso, sinto, pelos  
Meus frágeis membros, sobre o meu corpo desnudo  
Em carícias sutis, rolares-me os cabelos.

Pela estação, que aos meus seres eriça,  
Andam-me pelo corpo espasmos repetidos,  
Às luvas camurça, às boas, às peliças...

O meu tato se estende a todos os sentidos;  
Sou toda languidez, sonolência, preguiça,  
Si me quedo a fitar tapetes estendidos (MACHADO, 2017, p.172).

Na primeira estrofe um aspecto que chama atenção do leitor é a consciência lírica da poetisa que afirma analisar e estudar seus gostos e sensações com “incrível paixão. Ao se toca eu lírico se conhece de maneira sensual, “quanto é sedoso, suave ao tato: a coma... os pelos...”. Como fosse algo criminoso, gostos do eu lírico são criminosos, e ele está cometendo um crime, quando analisa e coloca seus desejos em prioridade, chega a ser um adultério assim considerado, no conhece-se. Nesse poema o tato também está bem presente na segunda estrofe temos:

Amo as noites de luar porque são de veludo,  
Delicio-me quando, acaso, sinto, pelos  
Meus frágeis membros, sobre o meu corpo desnudo  
Em carícias sutis, rolaem-me os cabelos.

O gradiente sensorial do tato pode ser observado através de uma sinestesia com a visão “amo as noites de luar porque são de veludo” a noite com luar toca o eu lírico como se fosse um veludo então ele se delicia ao senti os pelos, as “carícias sutis”, sentir o “corpo desnudo”, os “frágeis membros”.

Ao sentir através do tato tantas sensações ao eu lírico que ele se perde aos toques e ao percorrer o corpo acaba provocando espasmos repetidos ao corpo, não só o tato que provoca o arrepio, às luvas camurça, às boas, às peliças, tudo ao seu redor que está ao contato com o corpo provoca arrepios de desejos, que faz com que eu lírico perca as forças, sonolência, o eu lírico se perde tanto ao se tocar e analisar que observa qualquer coisa, “Si me quedo a fitar tapetes estendidos”. Perde todos os seus “sentidos”.

Pela estação, que aos meus seres eriça,  
Andam-me pelo corpo espasmos repetidos,  
Às luvas camurça, às boas, às peliças...

O meu tato se estende a todos os sentidos;  
Sou toda languidez, sonolência, preguiça,  
Si me quedo a fitar tapetes estendidos.

O eu lírico ao percorrer seu corpo sentindo-o todas as sensações táteis. “o meu tato se estende a todos os sentidos”, com isso os demais sentidos se misturam com o tato causando os espasmos e arrepios que estão ligados ao erotismo. Segundo Hall (2005):

De todas as sensações, o tato é a experiência mais pessoal. Para muita gente, os momentos mais íntimos da vida estão associados às texturas combinantes da pele. A resistência endurecida, semelhante a uma couraça diante do toque indesejado, ou as texturas excitantes, sempre em transformação, da pele durante o ato sexual, bem como a qualidade aveludada da satisfação depois, são mensagens de corpo para outro, com significados universais (HALL, 2005, apud BORGES FILHO, 2009, p.180).

O tato neste poema é bastante perceptível, pois ele está diretamente ligado ao corpo e é responsável pelas as sensações eróticas demonstrada pelo eu lírico. É o que podemos ver no segundo soneto de “Particularidades”

Tudo quanto é os meus ímpetos doma,  
E flexuosa me torno e me torna felina.  
Amo do pessegueiro a pubescente poma,  
Porque afagos de velo oferece e propina.

O intrínseco sabor lhe ignoro; se ela assoma,  
No rubor da sação, sonho-a doce, divina!  
Gozo-a pela maciez cariciante, de coma,  
E o meu senso em mantê-la incólume se obstina...

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contorno,  
Saboreio-a num beijo, evitando um ressabio,  
Como num lento olhar te osculo o lábio morno.

E que prazer meu! Que prazer insensato!  
- pela vista comer-te o pêssago do lábio,  
E o pêssago comer apenas pelo tato (MACHADO, 2017, p.172).

Nos tercetos percebemos as sensações táteis o eu lírico toca, palpa o “carnal contorno” no instante que saboreia num beijo, demonstrando um desejo e causando o seu prazer. Além disso, temos a imagem do pêssago comparado ao lábio dando um teor de erotismo, e por fim no último verso o ápice da sinestesia “e o pêssago comer apenas pelo tato”, o paladar e o tato, se misturando, o eu lírico irá saborear o pêssago com as mãos.

O tato esse que é considerado “menos nobre”, pois ele está ligado ao prazer do corpo, e nesse poema o eu lírico procura um prazer “insensato” e imediato “toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contorno”. O poema “Particularidades” é um poema bastante íntimo que demonstra a face de um eu lírico cheio de erotismo e prazer.

No que se refere à estilística “Particularidades” é composto de dois sonetos alexandrinos com rimas alternadas, com uma linguagem forma. Nas estrofes há sinestésias, sonoridades, aliteração, ritmos e bastante erotismo essas são algumas das características de sua lírica.

Tendo o tato representado nesse poema vemos que os gradientes sensoriais estão presentes na lírica de Gilka, o tato está presente em vários momentos como os demais sentidos são visto em sua poesia. O tato considerado um sentido “menos nobre” tem um grande espaço na poesia giliana, seja ele no sentir arrepio, no tocar, palpar, acarinhar, sentir o calor, o frio, o quente, o gelado, sentir o corpo do amado, assim por diante, visto que,

Essa exploração tátil do corpo amado e do mundo pode ser considerada uma inovação em termos da poesia de autoria feminina da época. A ousadia fica patente se notarmos que a grande maioria das poetisas que tematizaram os sentidos, quando chegaram a tanto, repudiava o tato. De todos os sentidos humanos, o tato permaneceu por muito tempo sendo considerado o mais “inferior” e “sujo”, dado o seu caráter imediato no contato com o Outro (NUNES, 2007, p.88).

Por fim, o poema “Particularidades”, é um poema em que o eu lírico desvenda suas sensações e descobertas em que hora temos um eu lírico e outras temos uma voz íntima, o real se misturando com o poético, “particularidades”, é um poema que o íntimo é presente.

No ano de 1922, Gilka Machado escreve o livro *Mulher nua* que tem o erotismo presente só que também voltado mais para os animais. Nesse livro que encontramos o poema “Felina” dedicado a sua gata. Um poema o eu lírico transfere a sensualidade feminina para gata, ou seja, a Volúpia comparada à gata, aqui o Eros está representado no ser animal.

### **Felina**

Minha animada bola de veludo,  
 Minha sempre de frouxel, estranha,  
 com que interesse as volições te estudo!  
 com que amor minha vista te acompanha!

Tens muito de mulher, nesse teu mundo,  
 lírico ideal que a vida te emaranha,  
 pois meu ser interior vejo desnudo  
 se te investigo a mansuetude e a sanha.

Expões, a um tempo langorosa e arisca,  
 subtilezas à mão que te acarinha,  
 garras à mão que a te magoar se arrisca.

Guardas, ò tacto corporificado!  
 E alta ternura e a cólera daminha  
 do meu amor que exige ser amado!(MACHADO, 2017, p.231).

Na primeira estrofe o eu lírico caracteriza adjetivando sua gata, animada, bola de veludo, frouxel, estranha, o eu lírico analisa e estuda com interesse a seus movimentos e atitudes. Percebemos que o eu lírico está completamente envolvido observando as atitudes daquela gata. Essa observação é com amor, carinho. Aos olhos do eu lírico o mundo da gata está próximo do mundo dele.

Na segunda estrofe o eu lírico revela essa comparação entre o felino e a mulher “tens muito de mulher, nesse mundo”, ou seja, no mundo da gata ele tem muito do mundo da mulher, nessa estrofe ela continua com as comparações e análises:

Tens muito de mulher, nesse teu mundo,  
 lírico ideal que a vida te emaranha,  
 pois meu ser interior vejo desnudo  
 se te investigo a mansuetude e a sanha.

O mundo lírico da gata e o mundo lírico dessa mulher, é um mundo que o eu lírico vê desnudo, nu sem nada, sem cobertura nenhuma temos aí também outra característica humana, o nu, visto que só quem fica no estado nudez é o humano, a nudez também pode ser representada pelo sem máscaras, o seu interior é exposto que eu lírico investiga a sua meiguice e a sua fúria.

Porém, esse mundo não é qualquer um, o mundo lírico misturado no mundo felino e suas desordens. Essa é mais uma das características da condição humana que o eu lírico vê no felino, essas características continua nas duas últimas estrofes.

Expões, a um tempo langorosa e arisca,  
 Subtilezas à mão que te acarinha,  
 Garras à mão que a te magoar se arrisca.

Guardas, ò tacto corporificado!  
 E alta ternura e a cólera daminha  
 Do meu amor que exige ser amado!

A mistura desses mundos humano e felino, o eu lírico vê o felino arisca e lânguida. O tato também está presente nesse poema o ele corporificado, ou seja, ele toma forma de prazer, no corpo do amor que exige ser amado. O erótico da mulher é visto pela poetisa na gata, ela representa a volúpia e todo o poema o eu lírico mostra com as adjetivações que dá ao felino.

O poema “Felina” é um soneto decassílabo de Gilka Machado com rimas alternada. O eu lírico faz uma comparação da gata com a mulher. A comparação se faz através da caracterização que o eu lírico faz, ele compara as atitudes do felino com as atitudes de uma mulher, essa mulher pode ser a própria Gilka, pois na segunda estrofe os dois primeiros versos ela diz; “tens muito de mulher nesse teu mundo./ lírico ideal que a vida te emaranha”, vemos então os dois mundos juntos um analisando o outro. Temos um outro ponto em relação a gata, a questão do simbolismo que esse animal carrega. Que traz um toque de erotismo e mistério para esse animal.

O próximo poema a ser analisado é o poema “Lépida e leve” que está no livro *Meu glorioso pecado* de 1928, esse livro é um dos livros de Gilka que possui um teor erótico mais do que os outros. Nesse livro há poemas extensos, poemas de versos mais livres, como é o caso de “Lépida e leve” abaixo o poema.

### **Lépida e leve**

Lépida e leve,  
 em teu labor que, de expressões à mingua,  
 o verso não descreve...  
 lépida e leve,  
 guardas, ó língua, em teu labor,  
 gostos de afago e afago de sabor.

És tão mansa e macia,  
 que teu nome a ti mesma acaricia,  
 que teu nome a ti roça, floxuosamente,  
 como rítmica serpente,  
 e se faz menos rudo,  
 o vocábulo, ao teu contato de veludo.

Dominadora do desejo humano,  
 estatuária da palavra,  
 ódio, paixão, engano, desengano,  
 por ti que incêndio no Universo lavra!...  
 És o réptil que voa,  
 o divino pecado  
 que as asas musicais, às vezes, solta, a toa,  
 e que a Terra povoada e despoeira,  
 quando é de seu agrado.

Sol dos ouvidos, sabiá do tato  
 ó língua-ideia, ó língua-sensação,  
 em que olvido insensato,  
 em que tolo recato,  
 te hão deixado o louvor, a exaltação!

- Tu que irradias pudeste os mais formosos poemas!  
 - Tu que orquestrar soubestes as carícias supremas!  
 Dás corpo ao beijo, dás antra à boca,  
 és um tateio de alucinação  
 és o elastério da alma... ó minha louca  
 língua, do meu Amor penetra a boca,  
 passa-lhe em todo senso tua mão,  
 enche-o de mim, deixa-me oca...  
 tenho certeza, minha louca,  
 de lhe dar a morder em ti meu coração!...

\*\*\*

Língua do meu Amor velosa e doce,  
 que me convences de que sou frase,  
 que me contornas, que me vestes quase,  
 como se o corpo meu de ti vindo me fosse.  
 Língua que me cativas, que me enleias  
 os surtos de ave estranha,  
 em linhas longas de invisíveis teias,  
 de que és, há tanto, habilidosa aranha...

Língua-lâmina, língua-labareda,  
 língua-língua, coleando, em deslizes de seda...  
 forças inferia ou divina  
 faz com que o bem e o mal resumas,  
 língua-cáustico, língua-cocaína,  
 língua de mel, língua de plumas?...

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,  
 amo-te como todas as mulheres  
 te amam, ó língua-lama, ó língua resplendor,  
 pela carne de som que à ideia emprestas  
 e pelas frases que proferes  
 nos silêncios do Amor!...(MACHADO, 2017, p.298-299)

Este poema é extenso com versos livres. Ele também é um metapoema em que o eu lírico usa a simbologia da língua para falar da criação e dos criadores, o ato de fazer poesia, de um poema na primeira estrofe constatamos que:

Lépida e leve,  
em teu labor que, de expressões à mingua,  
o verso não descreve...  
lépida e leve,  
guardas, ó língua, em teu labor,  
gostos de afago e afago de sabor.

A língua é lépida e leve no seu trabalho, ela guarda para si as alegrias e tristeza desse trabalho, pois “o verso não descreve”, o verso, a palavra não transmite todo o seu significado, não transmite tudo que deseja expressar, por isso que ela guarda para si o seu labor. O ato de escrever é trabalhoso, difícil de fazer, assim o eu lírico neste poema expressa este labor como algo às vezes difícil e outras vezes um ato saboroso. Para a poetisa o fazer poesia guarda no seu trabalho “gostos de afago e afago de sabor”. Já na segunda estrofe ela adjetiva a língua.

És tão mansa e macia,  
que teu nome a ti mesma acaricia,  
que teu nome a ti roça, flexuosamente,  
como rítmica serpente,  
e se faz menos rudo,  
o vocábulo, ao teu contato de veludo.

A adjetivação que o eu lírico faz, vai dando forma à língua. Língua mansa e macia, flexuosamente, como rítmica serpente, essa caracterização faz perceber como essa língua, sugerindo um caráter erótico. As adjetivações feita pelo eu lírico mostra o poder que essa língua tem. A língua órgão “menos nobre” (NUNES, 2007), que é descrito com ousadia pela poetisa, na terceira estrofe temos:

Dominadora do desejo humano,  
estatuária da palavra,  
ódio, paixão, engano, desengano,  
por ti que incêndio no Universo lavra!...  
És o réptil que voa,  
o divino pecado  
que as asas musicais, às vezes, solta, a toa,  
e que a Terra povoada e despoeva,  
quando é de seu agrado.

A língua, a dominadora dos desejos humano, língua que é ódio, paixão, desenganos à língua poderosa que desperta do homem os mais variados sentimentos e desejo, por isso ela é a língua-ideia e a língua-sensação. A língua provoca os demais

sentidos. Temos também a língua “estatuária da palavra”, ou seja a língua é escultura da palavra, através dela o poeta pode fazer o que deseja.

Nessa estrofe podemos vê também a imagem da serpente novamente “és o réptil”, a serpente tem todo um simbolismo em relação ao pecado, para o cristianismo, o pecado é colocado pelo eu lírico como algo divino. A serpente é considerada um animal misterioso e traiçoeiro. No Oriente é vista como uma energia cósmica e sexual por causa dos seus movimentos e troca de pele. Portanto, serpente tem uma representação.

Gilka nesse poema demonstra os prazeres que à língua provoca, além disso, ela constrói imagens misturando os outros sentidos para estabelecer o um erótico por meios desses sentidos. Seja com “sol dos ouvidos, sabiá do tato” ou “pela carne de som que à ideia empresta”, os sentidos são explorado de uma forma intensa que confundi o leitor, porém essa exploração dá a forma do erotismo. Temos aqui sinestésias, essa mistura de sensações sentidas e vivenciada pelo corpo ao mesmo tempo.

O paladar é um sentido também explorado e na lírica giliana. Ele e explorado de maneira erótica e intensa. Em “lépida e leve” Gilka mistura o paladar, a língua, e também o fazer poético, a língua palavra, nessa construção os dois mundos é um só, ou seja, o fazer poético e o erotismo estão juntos, o fazer poético é um ato quase erótico.

As adjetivações continua nas demais estrofes, doce, mel e cocaína, referindo os gostos sentidos pelo paladar. As características velosa, lâmia, labareda, associada ao tato, e resplendor referindo a visão, etc. dando a língua formas e características que podem e ser eróticas como:

Língua-lâmina, língua-labareda,  
língua-linfa, coleando, em deslizes de seda...  
forças inferia ou divina  
faz com que o bem e o mal resumas,  
língua-cáustico, língua-cocaína,  
língua de mel, língua de plumas?...

Nessa construção não só as adjetivações, a ideia de oposição dá a língua formas eróticas, no contato com o corpo “que me contorna, que me vestes quase,” “como se o corpo meu de ti vindo me fosse”. Ou na palavra, “língua que me cativas, que me enleias”. Além dessas adjetivações Gilka nesse poema coloca sinestésias, metonímia, aliterações e ritmos que vai construído a ideia de erótico. Refletindo desse modo, uma teoria que podemos nos basear é de acordo com Soares (1993).

Com apoio em forte recorrência sonora (o poema se constrói através de aliterações e rimas), vai-se estruturando musicalmente o erotismo, ao mesmo tempo em que se inscreve nos versos, a auto-consciência do

trabalho literário, interagindo-se o prazer de sentir e o prazer de construir (SOARES, 1993, p.39. apud. NUNES, 2007, p.103).

Gilka faz neste poema um jogo de palavras para dizer o que a língua escrita e a língua órgão são capazes de fazer. A língua escrita que “irradia pudeste os mais formosos poemas”, a língua escrita é capaz de fazer o que quiser e principalmente fazer poesias. A língua órgão é capaz de provocar sensações ao corpo “dás corpo ao beijo, das antera à boca”.

- Tu que irradia pudeste os mais formosos poemas!  
 - Tu que orquestrar soubestes as carícias supremas!  
 Dás corpo ao beijo, das antera à boca,  
 és um tateio de alucinação  
 és o elastério da alma... ó minha louca  
 língua, do meu Amor penetra a boca,  
 passa-lhe em todo senso tua mão,  
 enche-o de mim, deixa-me oca...  
 tenho certeza, minha louca,  
 de lhe dar a morder em tí meu coração!...

Portanto, o poema “Lépida e leve” traz o paladar como uma experiência erótica, não só a língua órgão, mas também a língua, palavra como objeto de erotismo. O ato de escrever é um ato erótico. Nesse metapoema percebemos isso. A língua órgão “menos nobre” explorado de forma erótica. A palavra do fazer poético explorado no erotismo. As adjetivações ajudam nessa construção transformando a língua em instrumento erótico.

O último poema a ser analisado se encontra no livro *Sublimação* de 1938, tem como título “Fecundação”. Gilka Machado passa dez anos sem publicações, após esse período ele publica esse livro. Como o nome do já diz sublimação é a transformação de um estado para outro, mais, além disso, algo puro, perfeito, divino. O erotismo ainda estava presente, mais um clima de nostalgia e reflexão encontra-se nesse livro.

### **Fecundação**

Teus olhos me olham  
 longamente,  
 imperiosamente...  
 de dentro deles teu amor me espia.

Teus olhos me olham numa tortura  
 de alma que quer ser corpo,  
 de criação que anseia ser criatura

Tua mão contém a minha  
 de momento a momento:  
 é uma ave aflita  
 meu pensamento na tua mão.

Nada me dizes,  
 porém entra-me e carne a persuasão  
 de que teus dedos criam raízes  
 na minha mão

Teu olhar abre os braços,  
 de longe,  
 à forma inquieta de meu ser;  
 abre os braços e enlaça-me toda a alma.

Tem teu mórbido olhar  
 penetrações supremas  
 e sinto, por senti-lo, tal prazer  
 há nos meus poros tal palpitação,  
 que me vem a ilusão  
 de que se vai abrir  
 todo meu corpo  
 em poemas (MACHADO, 2017, p.345).

O título poema já nos mostra um caminho do Eros fecundação, a ato fecundar unir, fertiliza, dá vida, de acordo com o conceito fecundação é algo que é capaz de conceber ou gerar, isso ocorre através da visão, pois de acordo com Borges Filho, a visão é o “sentido que capta o espaço em seu distanciamento máximo. Através dele, inúmeras informações o atingem, pelos outros sentidos” (BORGES FILHOS, 2009, p. 171).

Teus olhos me olham  
 longamente,  
 imperiosamente...  
 de dentro deles teu amor me espia.

Teus olhos me olham numa tortura  
 de alma que quer ser corpo,  
 de criação que anseia ser criatura

Os olhos do amado olham longamente, imperiosamente a sua amada de forma divina e profana “de alma que quer ser corpo”, a alma divina que quer ser o corpo, ser o profano. Os advérbios de tempo e modo intensifica esse olhar que penetra no corpo do amado. O eu lírico olha longamente e imperiosamente o corpo desejado. Pois é uma alma que deseja ser corpo, o corpo do amado. Além do sentido da visão o tato está presente nesse poema, o ato de tocar, de ligar um corpo a outro, na terceira e quarta estrofes vemos isso:

Tua mão contém a minha  
 de momento a momento:  
 é uma ave aflita  
 meu pensamento na tua mão.

Nada me dizes,  
 porém entra-me e carne a persuasão  
 de que teus dedos criam raízes  
 na minha mão

A mão do amado está na mão da amada em um ato de união dos corpos que se entregam. Aqui temos a imagem do tato, o toque provocando o desejo. O desejo que enraíza no corpo que penetra na carne em um ato de fecundação dos corpos. Nas duas últimas estrofes temos o ápice do poema, em que o eu lírico demonstra o momento em que há a união dos corpos.

Teu olhar abre os braços,  
 de longe,  
 à forma inquieta de meu ser;  
 abre os braços e enlaça-me toda a alma.

Tem teu mórbido olhar  
 penetrações supremas  
 e sinto, por senti-lo, tal prazer  
 há nos meus poros tal palpitação,  
 que me vem a ilusão  
 de que se vai abrir  
 todo meu corpo  
 em poemas.

Os olhos veem o corpo do amado de longe, ao ver esse corpo o eu lírico se perde nos braços, a sua alma se entrega em “penetrações supremas” que os olhos provocam e o eu lírico sente prazer pelo prazer. Esse momento de êxtase, que está voltado ao erótico, que os olhos geram a poetisa sente seu corpo abrir em poemas, ou seja, o corpo do eu lírico é tanto prazer que o corpo torna-se poesia, o Eros em forma de poemas.

“Fecundação” é um poema em estrofes em tercetos, quartetos, quintilhas e oitava e versos livres que dá andamentos rápidos e lentos, marcando o tempo do erotismo, ou seja, o momento de seduzir o amado. Essa sedução acontece pelo olhar dos corpos, os olhos e o tato nesse poema é a representação do Eros, pois por meio desses dois sentidos que o erotismo acontece, os olhos veem o corpo do amado e o tato sente o corpo nessa junção de sentidos o Eros se manifesta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber, na lírica giliana a representação do Eros se dá por meio dos sentidos e o que eles provocam no corpo. Gilka Machado se utiliza dos cinco sentidos humanos para dá um teor erótico em sua poesia. A visão, audição, olfato, paladar e, principalmente o tato são explorado na poesia, esses sentidos visto de forma que revela a experiência erótica. O tato na sua lírica é o que mais aparece, seja ele em forma de sinestésias, seja “corporificado” ele estar lá, sentido todo o prazer provocado pelo amado.

Outra característica da poesia de Gilka é a evocação da natureza. A natureza que ela traz na sua poesia não é a natureza idealiza que os simbolistas trazem. É algo que está perto dela, algo palpável e ela provoca prazer. A natureza na lírica giliana esta representada na forma de plantas, rosas, frutas como o sândalo, com seu perfume que provoca os sentidos do eu lírico. Essa provocação é erótica. O erotismo é percebido pelo o olfato, o cheiro lembra algo. Ela é explorada também pelos animais como no poema “Felina” em que a sensualidade do animal é comparada a sensualidade feminina. A natureza aqui está bem próxima a Gilka, ela pode tocar, como a gata em que ela podia sentir o seu pelo. A natureza também é simbolizada na poesia de Gilka com o frio e o calor, referindo ao corpo, enfim, tudo que está ao seu redor.

Para revela a experiência erótica Gilka lança imagens para expressá-lo. No soneto “Sândalo” têm imagens como: “a emanção da volúpia da terra”, a volúpia da terra, todo prazer que há na terra, visto que o prazer é algo terral. “Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta”, a embriaguez que representa o prazer. “Onde velha serpente aos meus olhos assoma”, a imagem da serpente representa a luxúria.

No poema “Particularidades”, Gilka usa a imagem do pêssego para representar o erotismo, “e o pêssego comer apenas pelo tato”, por meio de uma metáfora o eu lírico deseja comer o pêssego com o tato, ou seja, ao tocar nos lábios do amado com se tivesse comendo-o. No poema “Felina”, o eu lírico usa a imagem da gata para representar a mulher e toda a sua sensualidade.

Em “Lépida e Leve”, a imagem da língua possui uma dualidade a língua escrita e a língua o órgão. A escrita que os poetas usam para demonstrar o erotismo em seus poemas, o paladar que provoca sensações eróticas. No poema “Fecundação”, o eu lírico

explora o erótico através do ato da fecundação, a união de dois corpos com desejo. Enfim, Gilka Machado usa imagens na sua lírica para representar o desejo erótico.

Gilka Machado uma mulher que contém em sua lírica um erotismo bastante forte. O erotismo nos seus poemas é representado por imagens que remete ao erótico. Ela também explora o erótico através de aliteraões, que dá uma sonoridade aos poemas, outra característica é ritmo dos poemas, que pode ser lento ou veloz revelando assim um erotismo. Sinestésias que mistura os sentidos que representa os desejos. Metonímias que demonstra o prazer disfarçado por palavras.

Em ritmos, sensações, Gilka em seus poemas expressa um erotismo ousado para sua época. Desafiando uma sociedade preconceituosa, e cheia de regras, para escrever sobre o erótico, sobre o corpo do amado, sobre os desejos sem medo e sem “pudor”. Escrever também sobre as condições da mulher em uma sociedade que o homem era quem dominava. Uma ousadia pouco vista no meio literário daquela época. Assim, era Gilka uma mulher que ousou a escrever em seus poemas sobre os desejos humanos.

**REFERÊNCIAS:**

- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço, percepção e literatura**. IN: Poéticas do espaço literário. Org. Ozíris Borges Filho e Sidney Barbosa. São Carlos- SP. Editora Clara luz, 2009.
- BRITTO, Irene Lage de. **A Lírica Gilkiana: Eros e suas representações sociais**. Brasília. 2009.
- CADEMARTORI, Lígia. **Períodos literários**. 3<sup>o</sup>ed. - São Paulo – SP: Ática S.A, 1987.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhias das Letras, 1998.
- DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 4<sup>o</sup> ed. – São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando a história).
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo - SP: Ática, 1985.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 8<sup>o</sup> ed, São Paulo – SP. Ática, 1994.
- LÉVY, Ann-Deborah. **Eros**. In: Dicionário de mitos literários. Direção: Pierre Brunel; Tradução: Carlos Sussekind. [et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko; [capa e ilustração Victor Burton]. Rio de Janeiro. José Olympio. 1997.
- MACHADO, Gilka. **Mulher Nua**. 3<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro, 1928.
- \_\_\_\_\_, **Cristais partidos**. Rio de Janeiro, 1915.
- \_\_\_\_\_, **A Revelação dos Perfumes**. Rio de Janeiro. 1916.
- \_\_\_\_\_, **Poesia completa**. Org. Jamyle Rkain. São Paulo. V. de Moura Mendonça – Livros, 2017. (Selo Demônio Negro).
- NUNES, Fernanda Cardoso. **Nos domínios de Eros: O símbolo Singular de Gilka Machado**. Fortaleza – CE. 2007.
- OLIVEIRA, Ana Paula Costa. **O sujeito poético do desejo erótico: A poesia de Gilka Machado sob a ótica de uma leitura estética e política feminista**. Florianópolis. 2002.
- PAES, José Paulo. **Poesia erótica em tradução**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.
- PAZ, Octavio. **A dupla Chama**. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo. Siciliano, 1994.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilo de época na literatura: através de textos comentados**. 8.ed. São Paulo. Ática.

## APÊNDICE

## **Trabalhos feitos sobre a poetisa Gilka Machado.**

Nos anos 80 temos o registro de três trabalhos. Em 1982, Nádia Battella Gottlieb, “Com dona Gilka Machado, Eros pede a palavra”. Em 1989, Joyce Anne Carlson-Leavitt, “Gilka Machado e Adélia Prado: duas poetisas brasileiras, visão da experiência feminina”. Em 1989, Lúcia Castello Branco e Ruth Brandão, em “A (im) possibilidade de escrita feminina”.

Nos anos 90 temos seis trabalhos. Em 1991, Sylvia Paixão, “A fala-a-menos”. Em 1995, Nádia Battella Gottlieb “Gilka Machado e a esfera pública”. Em 1995, Sylvia Paixão, “Gilka Machado e a esfera pública; Em 1998, Angélica Soares, “O erotismo poética de Gilka Machado: um marco na liberação da mulher”. Em 1998, Cristina Ferreira-Pinto, “A mulher e o cânon político brasileiro: uma releitura de Gilka Machado. Em 1999, Joyce Anne Carlson-Leavitt, “Gilka Machado: a sua visão da musa como inspiração poética”.

A partir dos anos 2000 que temos mais registro de trabalhos artigos e dissertações. Em 2002, Cleonice Nascimento Silva, com o artigo “Gilka Machado e Florbela Espanca: uma prática do donjuanismo feminino”. Em 2005, Maristela Figueiredo Lima, com o artigo “Sintonias poéticas do aquém e do além-mar: Gilka Machado e Florbela Espanca”; Em 2007, Suzane Morais da Veiga, com o artigo “O erotismo decadente: influências baudelairianas em Gilka Machado”.

Dissertação de 2002, Ana Paula Costa de Oliveira, “O sujeito poético do desejo erótico: a poesia de Gilka Machado sob a ótica de uma leitura estética e política feminista”. Em 2002, no seminário Poesia e Gênero, CFH/UFSC, Cleonice Nascimento da Silva escreve “Gilka Machado e Florbela Espanca: contribuições e conflitos na esfera pública e na privada”. Em 2003, temos a tese de Soraia Maria Silva, com “O texto do Bailarino: Eros Volússia e Gilka Machado – a Dança das Palavras”. No ano de 2003, Marcela Roberta Ferraro Ferreira escreveu a dissertação “Os desdobramentos de Salomé: leitura da poesia erótica de Gilka Machado”. Em 2004, Aída Couto Pires com a dissertação “A poesia da diferença feminina. Um estudo sobre a poesia de Gilka Machado e Delmira Agustini”. Em 2007, Jussara Neves Rezende escreve o ensaio “A escrita do corpo: poemas eróticos de Florbela Espanca e Gilka Machado”. Juliano Carrupt o Nascimento escreve o ensaio “A poética inovadora de Gilka Machado” esse ensaio esta sem data.

Estudos mais recentes temos: A dissertação de Fernanda Nunes Cardoso, “Nos domínios de Eros: o símbolo singular de Gilka Machado, em 2007. Em 2009, temos a dissertação de Irene Lage de Britto, “A lírica Gilkiana: Eros e suas representações sociais”. E por fim a tese mais atual de Maria do Socorro Pinheiro, “O erotismo metafísico na poesia de Gilka Machado: símbolos do desejo”, em 2015.

## ANEXOS

## **Sândalo**

Quente, esdruxulo, ativo, emocional, intenso,  
o sândalo espirala, o espaço ganha, berra...  
e eu, que sôfrega o sorvo em longos haustos, penso  
que há nele a emanção da volúpia da Terra.

Odor que o sangue inflama e que um desejo imenso  
de prazeres sensuais em nossas almas ferra,  
quer perfume o brancor de um rendilhado lenço,  
quer percorra a cantar as planícies, a serra.

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,  
e perco-me do amor na esplêndida floresta,  
onde a velha serpente aos meus olhos assoma.

Há rumores marciais, agressivos rumores,  
de trompas, de clarins, cornetas e tambores,  
na forte exalação deste infernal aroma (MACHADO, 2017, p.64).

## **Particularidades...**

Muitas vezes, a sós, eu me analiso e estudo,  
Os meus gostos crimino e busco, em vão torcê-los;  
É incrível a paixão que me observe por tudo  
Quanto é sedoso, suave ao tacto: a coma... Os pelos...

Amo as noites de luar porque são de veludo,  
Delicio-me quando, acaso, sinto, pelos  
Meus frágeis membros, sobre o meu corpo desnudo  
Em carícias sutis, rolares-me os cabelos.

Pela estação, que aos meus seres eriça,  
Andam-me pelo corpo espasmos repetidos,  
Às luvas camurça, às boas, às peliças...

O meu tato se estende a todos os sentidos;  
Sou toda languidez, sonolência, preguiça,  
Si me quedo a fitar tapetes estendidos.

\*\*\*

Tudo quanto é os meus ímpetos doma,  
E flexuosa me torno e me torna felina.  
Amo do pessegueiro a pubescente poma,  
Porque afagos de velo oferece e propina.

O intrínseco sabor lhe ignoro; se ela assoma,  
No rubor da sazão, sonho-a doce, divina!  
Gozo-a pela maciez cariciante, de coma,  
E o meu senso em mantê-la incólume se obstina...

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contorno,  
Saboreio-a num beijo, evitando um ressaíbio,  
Como num lento olhar te osculo o lábio morno.

E que prazer meu! Que prazer insensato!  
- pela vista comer-te o pêssego do lábio,  
E o pêssego comer apenas pelo tato (MACHADO, 2017, p.172).

### **Felina**

Minha animada bola de veludo,  
Minha sempre de frouxel, estranha,  
com que interesse as volições te estudo!  
com que amor minha vista te acompanha!

Tens muito de mulher, nesse teu mundo,  
lírico ideal que a vida te emaranha,  
pois meu ser interior vejo desnudo  
se te investigo a mansuetude e a sanha.

Expões, a um tempo langorosa e arisca,  
subtilezas à mão que te acarinha,  
garras à mão que a te magoar se arrisca.

Guardas, ò tacto corporificado!  
E alta ternura e a cólera daminha  
do meu amor que exige ser amado!(MACHADO, 2017, p.231).

### **Lépida e leve**

Lépida e leve,  
em teu labor que, de expressões à mingua,  
o verso não descreve...  
lépida e leve,  
guardas, ó língua, me teu labor,  
gostos de afago e afago de sabor.

És tão mansa e macia,  
que teu nome a ti mesma acaricia,  
que teu nome a ti roça, floxuosamente,  
como rítmica serpente,  
e se faz menos rudo,  
o vocábulo, ao teu contato de veludo.

Dominadora do desejo humano,  
estatuária da palavra,  
ódio, paixão, engano, desengano,  
por ti que incêndio no Universo lava!...  
És o réptil que voa,  
o divino pecado  
que as asas musicais, ás vezes, solta, a toa,  
e que a Terra povoada e despovoa,

quando é de seu agrado.

Sol dos ouvidos, sabiá do tato  
ó língua-idéia, ó língua-sensação,  
em que olvido insensato,  
em que tolo recato,  
te hão deixado o louvor, a exaltação!

- Tu que irradia pudeste os mais formosos poemas!  
- Tu que orquestrar soubestes as carícias supremas!

Dás corpo ao beijo, dá antera à boca,  
és um tateio de alucinação  
és o elastério da alma... ó minha louca  
língua, do meu Amor penetra a boca,  
passa-lhe em todo senso tua mão,  
enche-o de mim, deixa-me oca...  
tenho certeza, minha louca,  
de lhe dar a morder em tí meu coração!...

\*\*\*

Língua do meu Amor velosa e doce,  
que me convences de que sou frase,  
que me contornas, que me vestes quase,  
como se o corpo meu de ti vindo me fosse.  
Língua que me cativas, que me enleias  
os surtos de ave estranha,  
em linhas longas de invisíveis teias,  
de que és, há tanto, habilidosa aranha...

Língua-lâmina, língua-labareda,  
língua-linfa, coleando, em deslizes de seda...  
forças inferia ou divina  
faz com que o bem e o mal resumas,  
língua-cáustico, língua-cocaína,  
língua de mel, língua de plumas?...

Amo-te as sugestões gloriosas e funestas,  
amo-te como todas as mulheres  
te amam, ó língua-lama, ó língua resplendor,  
pela carne de som que à ideia emprestas  
e pelas frases que proferes  
nos silêncios do Amor!...(MACHADO, 2017, p.298-299)

### **Fecundação**

Teus olhos me olham  
longamente,  
imperiosamente...  
de dentro deles teu amor me espia.

Teus olhos me olham numa tortura  
de alma que quer ser corpo,  
de criação que anseia ser criatura

Tua mão contém a minha

de momento a momento:  
é uma ave aflita  
meu pensamento na tua mão.

Nada me dizes,  
porém entra-me e carne a persuasão  
de que teus dedos criam raízes  
na minha mão

Teu olhar abre os braços,  
de longe,  
à forma inquieta de meu ser;  
abre os braços e enlaça-me toda a alma.

Tem teu mórbido olhar  
penetrações supremas  
e sinto, por senti-lo, tal prazer  
há nos meus poros tal palpitação,  
que me vem a ilusão  
de que se vai abrir  
todo meu corpo  
em poemas (MACHADO, 2017, p.345).